

BANCO PPOMSUL (PORTUGUÊS POMERANO DO SUL): OS RÓTICOS EM PELOTAS E ARROIO DO PADRE (RS)

Felipe Bilharva da Silva¹
Giovana Ferreira-Gonçalves²

felipebilharva@yahoo.com.br
giovanaferriragoncalves@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o banco de dados PPOMSUL (Português Pomerano do Sul), uma amostra do português falado nas cidades de Pelotas e de Arroio do Padre, município gaúcho situado na região sul do Rio Grande do Sul e sede de colonização pomerana. O banco é formado a partir das produções de fala e escrita de 68 estudantes do segundo, terceiro, quarto e sexto ano de duas escolas públicas de Arroio do Padre e de Pelotas. Também integram o banco doze informantes adultos, seis monolíngues de Pelotas e seis bilíngues de Arroio do Padre. Além das produções em português, que são voltadas para a análise dos segmentos róticos, o banco conta com cerca de 28 minutos de narrativas em pomerano. Os dados de fala e escrita são divididos em dois experimentos: (i) narrativas, em que o informante deveria recontar a estória observada no livro *Não me pega!* (Foreman 2012), acrescentando seis novos personagens, cujos nomes continham segmentos róticos; (ii) lista de palavras, em que os informantes deveriam produzir itens lexicais dotados de segmentos róticos no interior da frase-veículo *Digo _____ duas vezes*. Por meio do banco PPOMSUL, espera-se propiciar análises do português influenciado pela língua pomerana bem como do pomerano *per se*.

PALAVRAS-CHAVE: pomerano; róticos; aquisição da escrita; línguas de imigração.

ABSTRACT: The present work aims to present the database PPOMSUL (South's Pomeranian Portuguese) a sample of the Portuguese language spoken in Pelotas and Arroio do Padre city which is located in the southern region of Rio Grande do Sul and a place of Pomeranian colonization. The database is composed of written and spoken productions of 68 students of 2nd, 3rd, 4th and 6th grades of two public schools from Pelotas and Arroio do Padre. Besides that, the database contains productions of twelve adults, six Pelotas' monolinguals and six Arroio do Padre's bilinguals. Besides Portuguese productions, which are turned to the rhotic segments analysis, the database has about 28 minutes of storytelling in Pomeranian. Spoken and written data are divided in two experiments: (i) storytelling, in which the informant should re-tell the story sawed in the book *Can't catch me!* (Foreman 2012), adding six new characters in which names are contained rhotic segments; (ii) word list, in which the informants should produce lexical items in the career phrase *(I) say _____ twice*. With PPOMSUL database is expected to provide new analysis of Portuguese influenced by the Pomeranian language and of Pomeranian *per se*.

KEYWORDS: Pomeranian; rhotics; writing acquisition; immigration language.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Pelotas e Doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Linguística pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Produtividade do CNPq.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o banco de dados PPOMSUL (Português Pomerano do Sul), uma amostra da fala jovem e adulta dos municípios de Pelotas e de Arroio do Padre (RS), localidade sede de colonização pomerana. O banco, voltado para os segmentos róticos do português, tem como objetivo descrever a influência do pomerano – língua de imigração baixo-saxã falada em alguns estados brasileiros –, nas produções orais e escritas da língua portuguesa, bem como armazenar um conjunto de registros em áudio da própria língua de imigração falada no Rio Grande do Sul, a fim de que análises estruturais da língua isoladamente ou em comparação com o pomerano falado em outras regiões do Brasil possam ser estabelecidas.

O banco é composto por experimentos naturalísticos e experimentais em português e em pomerano, possibilitando análises sobretudo – mas não exclusivamente – fonético-fonológicas da influência do pomerano na produção dos segmentos róticos do português falado na região. Sua construção é proveniente da pesquisa de Mestrado de Bilharva-da-Silva (2015) e do projeto “Dinâmica dos movimentos articulatórios: vogais e consoantes líquidas do português” – financiado pelo Edital Pesquisador Gaúcho/FAPERGS –, e é constituído por produções orais e escritas de 80 informantes, crianças e adultos moradores de Pelotas e de Arroio do Padre. O foco da pesquisa de Mestrado foi o comportamento das consoantes róticas em diferentes contextos silábicos, objetivo que direcionou os instrumentos criados em contextos experimentais. A existência de instrumentos mais naturalísticos, entretanto, como a produção de uma narrativa, possibilita a investigação de outras variáveis. As crianças entrevistadas são estudantes de escolas públicas, pertencentes ao segundo, terceiro, quarto e sexto anos na época das coletas. Dividem-se entre monolíngues e bilíngues moradores de Arroio do Padre e monolíngues moradores de Pelotas. O grupo dos adultos é formado por doze indivíduos, seis deles bilíngues de Arroio do Padre e seis monolíngues de Pelotas.

Apesar de voltado para a investigação dos segmentos róticos, o banco viabiliza a observação do comportamento da língua pomerana no Brasil, dado que, enquanto em outrora fosse falada em extensa região da Europa, hoje em dia está praticamente erradicada por lá, sobrevivendo em poucas localidades do mundo, como o Brasil e os Estados Unidos, conforme aponta Tressmann (2008). Segundo o autor, no Brasil a

língua é falada em comunidades no Espírito Santo, Minas Gerais, Rondônia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No estado gaúcho, poucos são os trabalhos que se propõem a investigar o comportamento do pomerano, e a maioria das análises recai sobre suas influências no português, fazendo com que a estrutura do pomerano gaúcho, em si, não tenha sido descrita nas pesquisas linguísticas brasileiras. Some-se a isso o fato de que um número cada vez menor de jovens aprende e utiliza o pomerano no município de Arroio do Padre, conforme verificado em entrevistas realizadas na coleta de dados, e passa-se a conceber uma dificuldade crescente em estudar as peculiaridades dessa língua. Assim, a formação do banco PPOMSUL, que inclui não apenas registros de fala do português falado na região, mas igualmente de entrevistas em pomerano, busca fornecer materiais tanto para pesquisas sobre contato linguístico quanto para aquelas que se proponham a analisar a estrutura da língua pomerana, particularmente sua variedade falada no Rio Grande do Sul.

A fim de apresentar a constituição do banco de dados, a primeira seção trará uma caracterização do pomerano, partindo das localidades nas quais era falado na Europa e viajando rumo ao Brasil, país onde resistiu a pressões políticas e culturais até a contemporaneidade. A segunda seção trata das metodologias de coleta e organização do *corpus*, descrevendo os experimentos, procedimentos e materiais utilizados em sua constituição. Finalmente, na terceira seção, são apresentados alguns resultados provenientes de pesquisas que já se utilizaram do banco PPOMSUL, reportando suas principais análises e conclusões. Espera-se, por meio deste trabalho, divulgar as inúmeras possibilidades de investigação linguística e cultural propiciadas pela presença da língua pomerana na região sul do Rio Grande do Sul.

1. O POMERANO

Conforme explica Tressmann (2008), o pomerano é uma língua de imigração germânica advinda da antiga região da Pomerânia, situada ao norte da Alemanha e da Polônia e banhada pelas águas do Mar Báltico, como mostra a Figura 1 a seguir. A Pomerânia ficava localizada nas regiões de altitude mais baixas do território que hoje pertencem à Alemanha e à Polônia, o que motivou o conjunto de línguas originário

dessa região a ser conhecido como baixo-saxão, em contraste com o alto-alemão, situado nas localidades de maior altitude.



Figura 1: Mapa da antiga região da Pomerânia (FONTE: REVISTA GLOBO RURAL, 2008)

Um equívoco normalmente associado à língua pomerana e às demais línguas baixo-saxãs, de acordo com Tressmann (2008), é a denominação desse conjunto de línguas como baixo-alemãs. O problema decorre do fato de que tal termo indica a inapropriada noção de que o conjunto baixo-saxão seria derivado do alemão, o que não se verifica, uma vez que, enquanto o baixo-saxão é originado a partir do saxão-antigo, o alemão é originado a partir do alto-alemão antigo. Ainda que ambas as línguas descendam de um mesmo galho, o germânico ocidental, não há uma dependência hierárquica entre elas. O mais importante desse resgate diacrônico é a conclusão de que, entre o alemão e o pomerano, há um grande número de diferenças linguísticas.

O mesmo ocorre entre as diversas línguas baixo-saxãs. Tressmann (2008) explica que o pomerano, o vestfaliano e o platt menonita, exemplos de línguas baixo-saxãs faladas no território brasileiro, são distintas a ponto de tornarem-se incompreensíveis entre si. Dessa forma, um novo equívoco, conforme explica Vandresen (1970), seria agrupar esse conjunto extremamente heterogêneo sob um mesmo rótulo, como frequentemente ocorre em estudos sobre as línguas de imigração germânicas no Brasil, denominando-as simplesmente como dialeto alemão, línguas alemãs, ou, ainda mais inadequado, alemão, simplesmente. Uma das consequências para tal imprecisão seria uma análise equivocada a respeito da forma como o sistema de uma dessas línguas afeta o português brasileiro.

De acordo com Tressmann (2008), a região da Pomerânia deixa de existir após a II Guerra Mundial, quando a população é expulsa para a Alemanha Oriental e Ocidental e o território é anexado à Alemanha e à Polônia. Atualmente, a língua é praticamente desconhecida na Europa, sendo utilizada apenas no Brasil e nos Estados Unidos.

Os imigrantes pomeranos habitam o Brasil desde a metade inicial do século XIX, quando os grandes ciclos migratórios tiveram início, motivados, por um lado, pela carência de empregos e pela superpopulação na Europa, e, por outro, pela necessidade de mão-de-obra que substituísse a escrava no Brasil, como destaca Cunha (2003). Um século depois, após a anexação do território da Pomerânia, o Brasil passa a constituir o refúgio de uma população sem Estado.

No que diz respeito à presença do pomerano no município de Arroio do Padre, alguns estudos se propuseram a caracterizar a fala dos moradores da região. Vandresen (2006) assim sintetiza a presença da língua no município.

Em entrevistas com professores em escolas do município de Arroio do Padre, confirmou-se que o pomerano é, efetivamente, a língua do lar, de tal forma que ainda existem crianças que iniciam a escolarização sem falar o português. Por outro lado, o português falado pelos alunos das escolas deste município tem forte interferência da Língua Materna, especialmente, na distinção entre consoantes surdas e sonoras, vibrante simples e múltipla e as vogais e ditongos nasais (Vandresen 2006:1)

O pomerano como primeira língua dos falantes de Arroio do Padre, conforme descrito por Vandresen (2008), não foi a realidade mais comum verificada entre os entrevistados de Bilharva da Silva (2015). Entre os estudantes do segundo, terceiro, quarto e sexto anos analisados, apenas uma parcela reduzida era bilíngue³. Dentre os jovens arroio padrenses presentes no banco, por exemplo, apenas 13, dos 31 estudantes, são bilíngues, o que impossibilitou a criação de grupos plenamente equiparados em termos de número de alunos⁴.

Uma possível conclusão a ser atingida, ao traçar-se uma comparação entre as informações extraídas de Vandresen (2006) e Bilharva da Silva (2015), é que, ao menos na escola sede das investigações deste estudo, a língua de imigração não fora

³ Ainda que, na escola pública na qual a coleta de dados foi sediada, estudassem alguns alunos de Pelotas, cujas casas eram situadas próximas ao município de Arroio do Padre.

⁴ Foram identificados outros estudantes bilíngues nas turmas selecionadas, mas esses não levaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado para a escola. Ainda assim, o número de alunos que o fizeram não seria considerável para mudar a realidade acima descrita: a maior parte dos jovens de Arroio do Padre, na escola investigada, era monolíngue.

transmitida para a maioria dos estudantes de descendência pomerana. Em entrevista informal com algumas mães que trabalhavam na escola, professoras e funcionárias, verificou-se que muitas delas, apesar de julgarem importante a manutenção do pomerano, não transmitiram a língua para os filhos. Suas justificativas, em geral, eram o casamento com monolíngues do português, o que motivava um abandono da língua pomerana, ou o medo de comprometer o desempenho dos filhos nas escolas, local em que a língua oficial é o português. Essa constatação deve ser levada em consideração no estabelecimento de uma descrição a respeito do papel da língua pomerana na contemporaneidade.

Outra caracterização estabelecida por Vandresen (2008) diz respeito às influências fonológicas do pomerano no português, como trocas de sonoridade nas consoantes, trocas entre vibrantes múltiplas e simples e reduções nos ditongos nasais. Essas características são comumente reportadas (Prade 2003, Bopp da Silva 2005, Gewher-Borella 2010, Blank 2013) nos estudos que se propõem a investigar a influência de diferentes línguas germânicas, não apenas o pomerano, no português falado em regiões de colonização. Dentre essas características, destaca-se o número de trocas entre vibrantes simples e múltiplas, gerando produções como [ˈkarɔ] para *carro*. Essa grande recorrência de trocas entre as vibrantes, verificada em alguns dos estudos supracitados, motivou a seleção desse tema como o foco de investigação de Bilharva da Silva (2015), justificativa pela qual os instrumentos idealizados para a coleta do banco previsto neste trabalho focalizam a análise das consoantes róticas. Alguns dos resultados verificados nesse estudo serão reportados na seção “PPOMSUL: alguns resultados”.

2. INFORMANTES, MATERIAIS E MÉTODOS

A presente seção se propõe a caracterizar a metodologia empregada na constituição do PPOMSUL, inicialmente tratando da seleção dos informantes para fornecer os dados de fala e escrita⁵, e apresentando, na sequência, os materiais e os procedimentos metodológicos empregados na etapa de coleta e organização dos dados.

⁵ A pesquisa de Bilharva da Silva (2015) investigou também o papel da percepção, embora os dados referentes a essa coleta não estejam disponíveis no banco de dados PPOMSUL.

2.1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O banco PPOMSUL é formado por produções de fala e escrita de 80 informantes bilíngues e monolíngues, jovens e adultos, moradores dos municípios de Arroio do Padre e Pelotas, situados na região sul do Rio Grande do Sul. A coleta de dados dos jovens, 68 estudantes do segundo, terceiro, quarto e sexto anos⁶ de duas escolas públicas das duas cidades, teve como objetivo avaliar a influência da língua pomerana na produção dos segmentos róticos – foco da pesquisa de Bilharva da Silva (2015) – durante etapa de aquisição da escrita, analisando, por exemplo, possíveis transferências grafo-fônico-fonológicas não verificadas em monolíngues. Os dados dos adultos, por sua vez, visaram ampliar o escopo potencial do banco, possibilitando traçar-se comparações com os dados dos jovens ou observar-se padrões linguísticos sedimentados originados no contato linguístico com a língua de imigração. O Quadro 1 demonstra a distribuição dos sujeitos nas células de acordo com o município de residência, o número de línguas faladas e o grupo.

| Grupo | Arroio do Padre | | Pelotas |
|--------------|-----------------|-----------|-------------|
| | Monolíngues | Bilíngues | Monolíngues |
| Segundo ano | 4 | 2 | 9 |
| Terceiro ano | 3 | 5 | 10 |
| Quarto ano | 6 | 3 | 9 |
| Sexto ano | 5 | 3 | 9 |
| Adultos | 0 | 6 | 6 |

Quadro 1: Distribuição dos informantes por grupo e língua falada

No que se refere aos estudantes arroiopadrenses, foi estabelecido contato inicial com a Secretaria de Educação do município, a fim de obter-se autorização formal para o desenvolvimento do estudo. Recebida a autorização, foi estabelecido contato com uma escola pública municipal, a maior da cidade, escola na qual os informantes foram selecionados e os dados, coletados.

⁶ A escolha do sexto ano, e não do quinto, teve como finalidade observar uma etapa mais avançada do processo de escolarização, o que possibilitaria avaliar se possíveis erros ortográficos verificados na escrita inicial perdurariam até um período mais longínquo da educação básica. Assim, optou-se por criar uma lacuna nas séries investigadas e avaliar se o tempo de exposição à escrita geraria alterações tanto na própria escrita quanto na fala, em um processo de retroalimentação.

Os informantes de Arroio do Padre foram divididos entre monolíngues e bilíngues, sendo tal divisão dotada de relativo grau de arbitrariedade. Como o pomerano é comumente falado nos espaços públicos da cidade, especialmente pelos mais velhos, torna-se complexo estabelecer um ponto de corte preciso o suficiente para definir que, a partir de tal ponto, um indivíduo pode ser considerado bilíngue. Dessa forma, foi necessário adotar critérios para essa divisão, tomando por base um questionário a respeito do contato com o pomerano, entregue aos pais juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A esse questionário, somou-se questionamentos informais aos alunos no momento da coleta, a fim de verificar seu nível de conhecimento sobre a língua pomerana. Assim, com base no questionário e na entrevista, adotaram-se como critérios para a identificação de um informante como bilíngue o fato de ele falar ou compreender a língua, e essa língua ser empregada em casa com frequência.

A decisão de analisar-se as produções também dos estudantes monolíngues de Arroio do Padre foi tomada com base em estudos como Gewher-Borella (2010) e Ferreira-Gonçalves, Bilharva da Silva e Weirich (2013), que verificaram, em seus estudos, influências fonológicas do *hunsrückisch*, língua germânica Médio-Alemã (Tressmann, 2008), deveras elevadas mesmo na produção dos monolíngues residentes nas cidades de Picada Café, no primeiro estudo, e Agudo, no segundo, ambas situadas no interior do Rio Grande do Sul. Dessa forma, parece provável supor que a maciça presença da língua de imigração em municípios sedes de colonização é capaz de gerar alterações no nível fonético-fonológico, mesmo nas produções dos indivíduos não falantes dessas línguas.

Buscando estabelecer uma amostra diversificada a respeito do grau de contato com a língua pomerana, foram selecionados 27 estudantes de Pelotas, cidade situada a 45,5 km de Arroio do Padre e em cuja região urbana não é verificada a presença significativa de nenhuma língua de imigração⁷. Os estudantes de Pelotas, dessa forma, constituíram o grupo controle, composto com a finalidade de avaliar se determinados padrões encontrados na produção dos bilíngues eram motivados, de fato, pela presença do pomerano, ou se, por outro lado, constituíam variedades linguísticas específicas da região. Com base nesses critérios, os estudantes foram divididos nos grupos BA – bilíngues de Arroio do Padre –, composto por 13

⁷ A fim de comprovar que os estudantes pelotenses não tinham contato com nenhuma língua de imigração, foi realizada uma breve entrevista antes do início das coletas.

indivíduos, MA – monolíngues de Arroio do Padre –, composto por 18 indivíduos, e MP – monolíngues de Pelotas –, composto por 37 indivíduos⁸.

O banco PPOMSUL conta, ainda, com produções de doze adultos moradores dos municípios de Pelotas e Arroio do Padre, sendo seis informantes de cada cidade. A coleta de dados desses informantes teve como objetivo disponibilizar uma descrição da fala adulta nessas regiões, no que concerne aos segmentos róticos do português, possibilitando tanto um sistema de comparação com as produções dos estudantes quanto uma descrição da influência do pomerano na fala adulta.

Os moradores de Arroio do Padre eram bilíngues, três deles funcionários e três professores da mesma escola que sediou as coletas com os estudantes. O controle da profissão teve como objetivo possibilitar a investigação de variáveis extralinguísticas, dado que os docentes eram graduados em municípios vizinhos, como Pelotas, em maior contato, portanto, com variedades linguísticas distintas daquela de Arroio do Padre, bem como com a variedade padrão da língua portuguesa. Da mesma forma, o grupo dos adultos de Pelotas é composto por três indivíduos com curso superior e três sem curso superior.

Apresentados os informantes e grupos de análise que compõem o PPOMSUL, passar-se-á, na seção seguinte, à descrição da metodologia de coleta e organização do banco de dados.

2.2 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS DE COLETA

As coletas de dados de fala dos estudantes de Arroio do Padre e Pelotas foram realizadas em salas de aula das duas escolas, ambientes de relativo silêncio, imprescindível para a detecção de detalhes fonéticos. Os dados foram gravados com um gravador digital, modelo *Zoom H4N*, e os estudantes foram entrevistados individualmente.

A coleta de fala contou com dois experimentos: narrativa e lista de palavras. Na narrativa, os estudantes observavam, em um momento inicial, o livro *Não me pega!* (Foreman 2012), composto unicamente por linguagem não verbal⁹. Na sequência, eram incentivados a contar a estória que haviam acabado de observar, a

⁸ O grupo pelotense é mais extenso devido a maior facilidade de encontrar estudantes aptos a participar do estudo na cidade de Pelotas. A título comparativo, de acordo com o IBGE (2010), Arroio do Padre tem população estimada em 2.895 habitantes, enquanto Pelotas tem 343.651 habitantes.

⁹ Os poucos trechos dotados de frases curtas e onomatopeias foram digitalmente apagados a fim de não exercer qualquer tipo de influência na produção dos alunos.

qual é dotada de um grande número de animais e objetos cujos nomes contêm os segmentos róticos. Além disso, o informante deveria inserir, na narrativa, seis novos animais¹⁰, visando aumentar o número de contextos contendo os segmentos róticos. Por fim, o entrevistador igualmente incentivava o informante a produzir os segmentos-alvo, realizando perguntas pontuais, como *Qual a cor da roupa do macaquinho* ou *Que objeto é este*, a fim de instigar novas produções. A narrativa buscava a simulação de um ambiente mais naturalístico, em que o informante poderia expressar-se com relativa liberdade.

A segunda etapa da coleta de dados foi a lista de palavras, instrumento que, ao contrário da narrativa, emulava um ambiente plenamente experimental, no qual se buscava a produção dos segmentos róticos em um conjunto regular e controlado de contextos, em uma sequência prosódica igualmente regular. Pretendia-se, com esse experimento, controlar a atuação de diferentes variáveis linguísticas, verificando quais delas seriam responsáveis por afetar a produção dos segmentos róticos.

Para tanto, foram selecionados 53 itens lexicais dotados de róticos em diferentes posições silábicas e na palavra, sendo esse conjunto de palavras dividido em três variáveis linguísticas independentes, baseadas em Miranda (1996): (i) posição silábica e na palavra, (ii) contexto antecedente e (iii) contexto seguinte. Cada uma das variáveis abrange sete contextos linguísticos referentes aos róticos. O Quadro 2 apresenta o conjunto de palavras utilizadas e as variáveis linguísticas consideradas.

¹⁰ Dinossauro, pássaro, raposa, coruja, tigre, burro.

| Posição silábica e na palavra | Item lexical |
|--------------------------------------|---|
| Onset absoluto | <i>rato, roda</i> |
| Onset medial | <i>carroça, torrada; pirata, careta</i> |
| Onset complexo | <i>prato, preto</i> |
| Coda medial | <i>forno, carta</i> |
| Coda final | <i>cantor, colar</i> |
| Tônica | <i>barato, caroço, rabo, rádio</i> |
| Átona | <i>claro, furo, jarra, terra</i> |
| Contexto antecedente | Item lexical |
| Labial | <i>prego, braço</i> |
| Coronal | <i>trave, drogas</i> |
| Dorsal | <i>creme, grama</i> |
| [i, u] | <i>circo, curto</i> |
| [e, o] | <i>cerca, torto</i> |
| [ɛ, ɔ] | <i>torta, certo</i> |
| [a] | <i>Barco</i> |
| Contexto seguinte | Item lexical |
| Labial | <i>corpo, barba</i> |
| Coronal | <i>horta, farda</i> |
| Dorsal | <i>parque, largo</i> |
| [i, u] | <i>coruja, perigo, rico, rua</i> |
| [e, o] | <i>coroa, vareta, remo, rolo</i> |
| [ɛ, ɔ] | <i>farelo, farofa, régua, rosa</i> |
| [a] | <i>barata, raio</i> |

Quadro 2: Itens lexicais e variáveis consideradas na lista de palavras

Cada item lexical foi produzido no interior de uma frase veículo, *Digo _____ duas vezes*, empregada, por exemplo, em Marusso e Rocha (2006), utilizada como uma estratégia para padronizar a estrutura prosódica e os contextos fonéticos das sentenças. Para tanto, os informantes observavam uma imagem referente à palavra e eram solicitadas a produzi-la, inserindo-a na frase-veículo.

Na coleta escrita, os experimentos empregados foram os mesmos da coleta de fala. A diferença é que sua realização se deu na sala de aula dos alunos, juntamente com o grande grupo. Para realizar a atividade, os alunos receberam cópias impressas da narrativa, e foram solicitados a recontar a estória, novamente inserindo os seis novos animais anteriormente referidos. Finalizada essa tarefa, receberam uma lista com o conjunto de imagens da lista de palavras, contendo lacunas nas quais seus nomes deveriam ser redigidos.

No que se refere aos dados dos adultos, as coletas dos moradores de Arroio do Padre foram realizadas em três etapas, na mesma escola, contemplando apenas dados

de fala. Conforme referido, foram selecionadas seis informantes, três professoras e três funcionárias, todas bilíngues.

Na primeira etapa, foi realizada uma entrevista, a qual tinha como objetivo tanto a obtenção de dados de fala espontânea quanto a investigação de aspectos relativos à utilização do pomerano na região. As entrevistas iniciavam com uma conversa informal sobre economia, costumes, religião, lazer, história pessoal, etc. Na sequência, foram realizados questionamentos sobre a relação dos falantes com o pomerano, como: (i) a idade em que começaram a utilizar a referida língua, (ii) com quem tinham aprendido o idioma, (iii) quantas pessoas falavam pomerano em sua residência, (iv) se permaneciam a utilizá-lo atualmente e (v) se o tinham ensinado a seus filhos.

A produção da lista de palavras foi realizada, na sequência, em português, a fim de estabelecer-se um conjunto de dados representativo da fala adulta do município, no que se refere à produção dos róticos. Por meio desse referencial, tornar-se-ia possível traçar um comparativo com a fala dos estudantes, buscando verificar se padrões em sua fala assumem características devido, entre outras possíveis motivações, ao contato com a língua escrita.

A etapa da narrativa, por sua vez, foi realizada em pomerano, a fim de ampliar as possibilidades de análise do banco PPOMSUL e estabelecer, dessa forma, um retrato da língua de imigração falada na região sul do Rio Grande do Sul. Tais informações podem ser utilizadas por pesquisas que avaliem o pomerano falado em outras regiões do Brasil, permitindo uma comparação do desenvolvimento de uma mesma língua quando em contato com diferentes variedades do português brasileiro. Assim, o banco PPOMSUL retrata não apenas um registro do português brasileiro influenciado pelo pomerano, mas também do próprio pomerano, nas seis entrevistas que totalizam aproximadamente 28 minutos de gravação.

A coleta de fala dos seis adultos de Pelotas, por sua vez, ocorreu no Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), situado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), um ambiente propício à gravação de dados de fala por conter cabine de isolamento acústico e equipamentos de gravação e tratamento de áudio¹¹.

¹¹ O LELO é um dos poucos laboratórios do Brasil a conter equipamentos de ultrassonografia, dos modelos *Mindray 6600*, *Chison* e *EcoVet*, bem como *software* de coleta e análise articulatória, o AAA – *Articulate Assistant Advanced* –, tecnologia que possibilita a observação, em tempo real, dos gestos de língua responsáveis pelos sons da fala.

Assim como ocorrido com os sujeitos adultos de Arroio do Padre, as seis informantes pelotenses realizaram as duas primeiras etapas da coleta, ou seja, a entrevista e a produção da lista de palavras, contendo os segmentos róticos.

Para a entrevista, foram incluídas perguntas sobre a vida do informante – fatos da infância, de sua adolescência, época de estudante, família e outros assuntos – que levassem à produção espontânea da língua. Cada entrevista teve duração de cerca de 15 minutos e foi conduzida pela entrevistadora que seguia um roteiro pré-estabelecido, porém, a medida que o informante contava coisas sobre sua vida, eram feitas perguntas não programadas acerca do que ele estava relatando.

Tendo em vista a realização da coleta em cabine acústica, propiciando a obtenção de dados acústicos de alta definição, foi acrescida, ainda, uma terceira etapa, a qual consistiu na produção oral de uma lista de logatomas, contendo os segmentos róticos em sílabas CV, CVC e CCV, antecidos pelas sete vogais do português em posição tônica. A estrutura dos logatomas obedece, assim, aos seguintes critérios: a primeira consoante é [p], a vogal é uma entre as sete vogais do português, [r] e [x] se alternam com as referidas vogais e a vogal átona final [a], como em *pira* e *pirra*, por exemplo. A escolha pela utilização de logatomas surgiu porque, desejando-se estudar o papel dos diversos contextos vocálicos adjacentes aos róticos, nem sempre havia palavras para integrar o *corpus*. Esse recurso metodológico também foi utilizado por Silva (1996).

Após a conclusão das coletas e organização do corpus, o banco PPOMSUL passou a ser empregado em diferentes estudos, que se propuseram a investigar a produção e percepção do português brasileiro do município de Arroio do Padre. Alguns desses resultados são, na sequência, descritos e discutidos.

3. PPOMSUL: ALGUNS RESULTADOS

O PPOMSUL, conforme referido, foi montado como parte integrante da pesquisa de Bilharva da Silva (2015), que tinha como objetivo observar a influência do pomerano na fala e na percepção dos segmentos róticos no português brasileiro. Dentre os objetivos relacionados aos dados de fala e escrita, o autor buscava investigar se determinados padrões verificados na fala seriam transferidos para a escrita, em especial no que se refere à produção de tepes em contextos ocupados, em outros dialetos do português brasileiro – como o de Pelotas –, pela fricativa velar, em produções como [ˈkarɔ], que motivaria grafias como *caro*¹². No caso de tal fenômeno ser constatado, buscava-se investigar se o contato com a escrita seria capaz de produzir uma retroalimentação fonético-fonológica, ou seja, se a escrita produziria uma mudança na fala.

Para tanto, foram contabilizados os índices de produção de cada segmento nos contextos nos quais eram esperados, o que significa dizer que, para uma palavra como *carro*, o rótico esperado era [x], e não [r], dado que a produção com a fricativa velar é a mais comum na variedade do português brasileiro falado no Rio Grande do Sul¹³. Isso posto, a Tabela 1 descreve as médias e desvios padrão das produções esperadas para os róticos nos diferentes grupos.

¹² Esse tipo de erro ortográfico é igualmente esperado na grafia de estudantes monolíngues sem qualquer tipo de contato com o pomerano, dado que, no português, não há uma correspondência biunívoca entre fonema e grafema. No caso do fonema /x/, sua representação na escrita pode ser realizada tanto pelo grafema ‘r’ quanto por ‘rr’, o que motiva grande número de erros ortográficos na escrita infantil. Entretanto, esperava-se que, dado o contato com o pomerano, o número de erros dos estudantes bilíngues seria maior.

¹³ As demais variantes esperadas, de acordo com a distribuição do *r* na variedade gaúcha, descrita por Monaretto (2014), são a produção de tepes em final de sílaba e em grupos consonantais, a produção da fricativa velar em início de palavra e no início de sílaba em posição não-intervocálica. No início de sílaba em posição intervocálica, ambas as variantes podem ocorrer, atuando, apenas nessa posição, contrastivamente.

| Alvo | 2º ano | | | 3º ano | | |
|------------------|-----------|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|
| | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP |
| [r] – narrativas | 85,6/12,0 | 85,1/21,1 | 90,9/7,9 | 90,9/1,4 | 93,3/6,2 | 93,7/8,2 |
| [x] – narrativas | 95,0/10,0 | 100,0/0,0 | 98,1/5,6 | 100,0/0,0 | 80,0/44,7 | 97,4/5,7 |
| [r] – listas | 86,3/20,9 | 88,7/11,5 | 95,5/4,9 | 99,1/1,6 | 98,9/1,5 | 96,0/6,1 |
| [x] – listas | 91,7/16,7 | 89,3/5,1 | 100,0/0,0* | 100,0/0,0 | 81,3/41,7 | 100,0/0,0 |
| Alvo | 4º ano | | | 6º ano | | |
| | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP |
| [r] – narrativas | 91,0/8,5 | 86,5/6,7 | 97,0/3,3 | 93,1/6,4 | 87,2/6,6 | 92,6/5,9 |
| [x] – narrativas | 100,0/0,0 | 83,3/28,9 | 99,1/2,8 | 100,0/0,0 | 80,0/34,6 | 100,0/0,0 |
| [r] – listas | 90,7/7,8 | 91,9/2,7 | 98,2/1,9 | 94,6/4,2 | 94,2/5,2 | 96,4/1,9 |
| [x] – listas | 98,9/2,7 | 95,6/7,7 | 100,0/0,0 | 100,0/0,0 | 95,2/8,3 | 100,0/0,0 |

Tabela 1: Médias percentuais e desvio padrão das produções de fala dos róticos

No que se refere aos dados do grupo dos monolíngues de Pelotas (grupo MP), a Tabela 1 revela índices categóricos na maior parte dos contextos em que [x] era esperado. Dessa forma, parece possível atestar que essa é a variante maciçamente empregada na variedade de fala de Pelotas, e as poucas ocorrências em que ela não se verifica são motivadas por apagamentos ocasionais, que na fala mais controlada, como na produção das listas, não são detectadas.

Quanto ao grupo dos monolíngues de Arroio do Padre (grupo MA), por sua vez, a Tabela 1 mostra uma aparente evolução nos índices de produção dos róticos ao longo do período de alfabetização, especialmente no que diz respeito à produção de [x], que chega a 100% no quarto ano. Nas séries iniciais, as produções de [x] são elevadas – 95,0% nas narrativas e 91,7% nas listas, no segundo ano –, mas ainda são verificadas algumas preterições por tepes e vibrantes múltiplas, em poucas ocasiões. Nas séries finais, por outro lado, as fricativas são categoricamente – média de 100%, tanto nas narrativas quanto nas listas – produzidas. Isso significa que as poucas produções de tepes em contexto de fricativa – como em ['karu] –, verificadas nas séries iniciais, deixam de ser realizadas nas séries finais, o que pode, por hipótese, indicar um papel da escrita na fala.

O grupo BA, por outro lado, apresenta índices regulares de produção de tepes em contextos de fricativas, índices esses que, ao contrário do revelado pelo grupo MA, não são reduzidos ao longo da escolarização. Pelo contrário: no sexto ano, é verificado

o mais baixo índice de produção das fricativas dentre todas as séries – 80,0% – nas narrativas. Além disso, os altos índices de desvio padrão nessas produções revelam alta variabilidade nos índices da amostra, o que indica que as produções de tepe nos contextos de fricativa são realizados mais comumente por um número específico de alunos, enquanto outros não realizam tal produção. Outra observação importante é que as médias de produção de tepe em contextos de fricativa são mais altas nos bilíngues do que as verificadas nos outros dois grupos, chegando a ser significativamente inferiores ($Z=-3,146$; $p=0,017$)¹⁴ ao grupo dos monolíngues de Pelotas no segundo ano.

Esses resultados assumem maior relevância ao estabelecer-se uma comparação com os dados de escrita. A Tabela 2 descreve os índices médios e desvios padrão nas produções dos róticos na escrita dos diferentes grupos.

| Alvo | 2º ano | | | 3º ano | | |
|-------------------|-----------|-----------|------------|-----------|-----------|-----------|
| | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP |
| 'r' - narrativas | 100,0/0,0 | 100,0/ | 93,5/12,0 | 100,0/0,0 | 100,0/0,0 | 94,0/14,6 |
| 'rr' - narrativas | 25,0/35,4 | 0,0/ | 40,0/54,8 | 0,0/ | 40,0/41,8 | 75,0/42,5 |
| 'r' - listas | 60,7/27,2 | 79,2/29,5 | 98,4/3,9* | 60,6/36,3 | 99,5/1,0 | 93,6/12,8 |
| 'rr' - listas | 8,3/14,4 | 25,0/ | 59,7/39,6 | 0,0/0,0 | 35,0/41,8 | 63,7/45,0 |
| Alvo | 4º ano | | | 6º ano | | |
| | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP | Grupo MA | Grupo BA | Grupo MP |
| 'r' - narrativas | 94,5/13,6 | 96,2/6,6 | 98,5/2,9 | 97,9/3,1 | 97,8/2,0 | 96,8/8,0 |
| 'rr' - narrativas | 77,0/35,7 | 20,0/34,6 | 90,5/25,2 | 100,0/0,0 | 100,0/0,0 | 69,0/41,3 |
| 'r' - listas | 92,1/10,9 | 96,1/2,8 | 100,0/0,0* | 99,5/1,2 | 93,7/5,5 | 99,6/1,0 |
| 'rr' - listas | 50,0/47,4 | 33,3/14,4 | 67,7/37,1* | 100,0/0,0 | 38,3/38,2 | 70,8/34,5 |

Tabela 2: Médias percentuais e desvio padrão das produções escritas dos róticos

Observando-se a Tabela 2, referente aos índices de produção dos grafemas róticos, é possível verificar, inicialmente, que o grupo dos monolíngues de Pelotas (MP) apresenta, nas três primeiras séries, os índices mais elevados de acerto quanto à grafia do dígrafo 'rr', tanto nas narrativas quanto nas listas. Relevante observar, entretanto, que os erros ortográficos, apesar de em menor número do que os demais grupos, não apenas estão presentes nas séries iniciais como se mantêm ao longo da

¹⁴ Análise estatística realizada com o software *SPSS Statistics*, versão 17.0.

escolaridade, e são bastante frequentes mesmo no sexto ano. Essa constatação comprova que mesmo os falantes monolíngues apresentam dificuldades na grafia dos segmentos róticos, em especial no que diz respeito a ‘rr’, motivadas pela ausência de uma relação biunívoca entre grafema e fonema.

Passando à análise do grupo MA, é possível verificar que, embora os erros ortográficos sejam bastante comuns nas séries iniciais, a ponto de verificar-se diferença estatisticamente significativa ($Z=-2,729$; $p=0,006$), com relação aos monolíngues de Pelotas, no segundo ano –, esses vão sendo reduzidos ao longo da escolarização, de forma a não ser verificado nenhum erro ortográfico envolvendo ‘rr’ no sexto ano. Esse resultado acompanha o verificado na fala, em que o sexto ano não apresentou nenhuma ocorrência de produção do tepe em contextos de fricativa. O alto índice de produção das fricativas, entretanto, não constitui condição imprescindível para o acerto ortográfico. Observando-se os dados do terceiro ano, verifica-se relevante discrepância: 100,0% de produção da fricativa velar e 0,0% de acerto na grafia do dígrafo. Esse resultado parece revelar que, mesmo não havendo produções como [‘karɔ] na fala dos monolíngues de Arroio, a consciência a respeito da relação entre a fricativa velar e o dígrafo ‘rr’ não é plenamente estabelecida nas séries iniciais, uma vez que o número de erros que esses estudantes cometem é sensivelmente superior ao índice dos monolíngues de Pelotas, que lidam apenas com a complexidade da ausência de relação biunívoca entre grafema e fonema. Parece haver, para os monolíngues de Arroio, uma complexidade maior do que a verificada pelos monolíngues de Pelotas, complexidade essa que pode estar relacionada, por hipótese, a questões de percepção.

Observando-se finalmente à grafia dos róticos pelos bilíngues de Arroio do Padre, grupo BA, a Tabela 2 revela um índice de erros ortográficos bastante relevante, que não apenas é verificado nas séries iniciais como se mantêm ao longo da alfabetização. Os erros verificados envolvem mesmo a grafia de ‘r’, para a qual casos de metátese, apagamentos e, o mais interessante, trocas por ‘rr’ são verificadas. Diferenças significativamente relevantes foram verificadas no quarto ano, com médias inferiores ao grupo MP na grafia de ‘r’ nas listas ($Z=-3,115$; $p=0,002$) e na grafia de ‘rr’ nas narrativas ($Z=-2,449$; $p=0,014$). No sexto ano, apesar de verificar-se um índice de 100,0% de acerto na grafia de ‘rr’ nas narrativas, deve-se levar em consideração que, nessa modalidade – narrativas –, o informante tem a possibilidade de se utilizar de estratégias de evitação, ou seja, evitando utilizar itens lexicais cuja

grafia não tem certeza. O baixo índice de acerto desse grafema nas listas de palavra – 38,3% – parecer comprovar a dificuldade que os segmentos róticos impõem aos falantes bilíngues mesmo em séries mais avançadas.

Os resultados verificados por Bilharva da Silva (2015) fornecem uma amostra da possibilidade de utilização do banco PPOMSUL na análise de dados linguísticos. Somando-se os dados dos adultos, acredita-se ser possível adotar o banco para pesquisas diversas, possibilitando investigações sobre a fala influenciada pelo pomerano e sobre o próprio pomerano.

4. CONCLUSÕES

O pomerano, conforme tentou-se mostrar neste trabalho, é uma língua dotada de grande e rica história, de um povo forçado a abandonar suas origens, em fuga, após a II Guerra Mundial. Sua presença, antes maciça no coração da Europa, hoje praticamente não é mais encontrada no Velho Mundo. A língua resiste, entretanto, a milhares de quilômetros de sua terra natal, mergulhada no interior do território brasileiro.

Poucos estudos linguísticos propuseram-se a investigar tamanha riqueza. Em estados como o Espírito Santo, os estudos ocorrem em maior abundância, mas no Rio Grande do Sul ainda são escassos. O banco de dados PPOMSUL tem como finalidade aumentar o número desses estudos sobre a língua de imigração, fornecendo dados a respeito de sua influência na língua portuguesa, além de gravações de narrativas na própria língua pomerana. Por meio desse material, espera-se oportunizar a realização de estudos que se debruçam não apenas sobre aspectos fonológicos, mas também sobre outras esferas da estrutura gramatical da língua.

Por meio do PPOMSUL, espera-se mostrar que o pomerano, mais que uma das inúmeras línguas de imigração coexistindo em solo brasileiro, é o retrato vivo de uma nação esquecida, uma fonte de influências não apenas linguísticas, mas culturais e, acima de tudo, históricas.

REFERÊNCIAS

- BILHARVA DA SILVA, F. *Produção oral e escrita dos róticos em Arroio do Padre (RS): avaliando a relação português/pomerano com base na Fonologia Gestual*. 2015, 246 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPel, Pelotas, 2015.
- BLANK, M. T. *Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)*. Dissertação (Mestrado em Educação) Pelotas: UFPel, 2013.
- BOPP DA SILVA, T. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- BRASIL, IBGE. *Censo demográfico, 2000*. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 25 ago. 2016.
- CUNHA, J. L. A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação*. Santa Maria: UFSM, 2003.
- FERREIRA-GONÇALVES, G. BILHARVA-DA-SILVA, F.; WEIRICH, H. C. Produção dos róticos durante a aquisição da linguagem escrita: a língua de imigração hunsrückisch. In: *Revista ProLíngua*, v. 8, n. 2, p. 67-82, 2013.
- FOREMAN, M. *Não me pega*. Blumenau: Todolivro Editora, 2012.
- GEWEHR-BORELLA, S. *A influência da fala bilíngue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pelotas: UCPEL, 2010.
- GLOBO RURAL. A pátria renascida. *Revista Globo Rural*, edição 268, fevereiro de 2008. Disponível em: http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1671261-1641-1,00.html. Acesso em 14 de fev. 2014.
- MARUSSO, A. S. e ROCHA, F. W. Análise auditiva/ acústica das vogais postônicas [i, u] no português brasileiro. *Anais do I Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais: nossa história com todas as letras*. Luciano de Oliveira Fernandes e Rosimeire da Fonseca (orgs.). Mariana: Editora UFOP, 2006.
- MIRANDA, A. R. M. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: PUCRS, 1996.

MONARETTO, V. As realizações de r. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (orgs). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 121-132.

PRADE, H. G. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação*. Santa Maria: UFSM, 2003.

SILVA, A. H. P. *Para a descrição fonético-acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um Informante Paulistano*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

TRESSMANN, I. O pomerano: uma língua baixo-saxônica. In: Educação, cultura e sociedade. *Revista da Faese* (Faculdade da Região Serrana). Vol. 1. ISSN: 21765251, Santa Maria de Jetibá, ES, 2008, p. 10-21.

VANDRESEN, P. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. Porto Alegre. Tese de Livre Docência em Letras: PUCRS, 1970.

_____, P. Contato linguístico e bilinguismo em Arroio do Padre. *Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL*, 7, 2006, Pelotas, RS.

MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). *Anais... Pelotas: EDUCAT*, 2008. p. 1-6. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2014.